

Escolhi estes textos porque, ao não falarem de educação falam, de facto, de educação. Apontam para uma maneira outra de olhar a educação; contêm, com uma espantosa antecipação no tempo, a mudança de paradigma que o nosso tempo reclama. Quatro verbos são o esteio do educador Bernardo Soares: sentir, pensar, sonhar, viajar, agir.

grande
~~A educação é sempre centrada no eu que pensa e sente e não no educador que dá informação.~~ A primeira ~~stockagem~~ *10 sujeito* de informação é o pensamento e as sensações do eu que "aprende". E uso ~~este~~ *da educação* verbo porque ele estabelece uma relação entre o "politicamente correcto" da educação ainda vigente no mundo e o paradigma a construir. O eu que sente e pensa está num processo de educação quando as suas sensações e o seu pensamento forem incorporados ~~nessa~~ *e não* "viagem do espírito". Só há educação quando tudo fôr parte ~~dessa~~ *da educação* viagem iniciática.

É nessa viagem que se articulam o que se pensa do que se não viu e o ver essa realidade, pois é "com minha alma que verei a China, se a vir". Este aparente paradoxo vem da situação do ponto de partida - ninguém parte "de um porto conhecido", já que o território do eu é ainda inexplorado. Também o objectivo da viagem não pode ser completamente definido já que "o propósito ritual da minha viagem era ir em demanda de portos inexistentes". A educação é "viagem", é ir de para, mas nem o lugar de partida nem o de chegada têm um recorte claro. A educação tem um "propósito ritual", corresponde ao cumprimento de um rito que a sociedade reconhece e para que oferece as condições necessárias. Mas a sociedade nunca poderá impor o lugar de chegada, mesmo que no nosso tempo os mecanismos de mercado tentem oferecer competitivamente o lugar de chegada. Ao fazê-lo, imputam a educação do essencial desse propósito ritual: negam-lhe a possibilidade de "ir em demanda". E que nessa demanda se contém não só a viagem, mas o sonho, o sentir, o pensamento, a acção.

Mas articulam-se também, de forma única, o universal e o particular, não em oposição como o relativismo cultural, herdado de uma etnografia ultrapassada, pretende fazer crer. Só quando percebermos que "o que no Elevador de Santa Justa é universal é a mechanica facilitando o mundo" é que estaremos aptos a descrever o particular na sua profunda universalidade.

Tenho feito dezenas e dezenas de conferências para auditórios em que abundam pessoas que "ensinam". Quando no fim me vêm agradecer porque "ao menos lhes falei da vida real", pergunto-me o que de facto ensinam. Para essas pessoas "as coisas da vida real tornaram-se fantasmas". E a pergunta seguinte é inevitável: não é a educação uma transmissão de "fantasmas", afastando cada vez mais toda a gente da dificuldade do real?

A derrocada do "puramente objectivo" já fora anunciada na mais exacta de todas as ciências: o físico Schrödinger afirmara que na observação do objecto se veicula sempre o sujeito. E o sujeito que se veicula não é o que tem determinada opinião sobre o teorema, a lei, a equação. Como dizia Gustavo Corção nos anos 50, "mil

opiniões não fazem uma verdade". O homem de ciência sabe que não há "nada mais seu do que a sua consciência de si" - por isso, só pode transmitir aquilo que ficou a fazer parte da consciência de si. E anda-se por aí a procurar as razões do "insucesso escolar" do lado dos alunos?! Onde estão os cientistas que tenham tido a coragem e a força de "construir um instrumento de precisão, para uso auto-analítico, com aços e bronzes só do pensamento"?

No processo de educação, estará presente o "cientista de depois de amanhã". Esse cientista de depois de amanhã trará consigo, dentro dele, não só "um espaço real como o espaço que há onde as cousas da matéria estão" - espaço de verdadeira criação, de conhecimento reflectido e actualizado, de sabedoria - mas também "uma nova dimensão do outro". Mas que essa dimensão não seja uma coisificação do outro: nunca a ele chegamos senão descobrindo o(s) outro(s) de nós, "outrando-nos pela imaginação sensível de nós mesmos". E que nesse espaço Deus seja "uma dimensão de nós em outra dimensão do ser".

Estranhar-se-á talvez que eu fale de cientistas no processo educativo e não de "formadores". Faço-o por duas razões: primeiro, porque não posso entender que o educador, ao ensinar os rudimentos de matemática, de história, de ciências naturais, ou de qualquer outro aspecto do conhecimento, se situe unicamente em transmissor desses rudimentos, ainda que tenha aprendido os numerosos ersatz da verdadeira iniciação a cada observação da natureza, da história e da vida; segundo, porque no mundo de fontes de informação deslocalizadas, o processo de educação requer, antes de tudo o mais, que o educador "tenha um escrupulo especial pela sua própria vida interior".

Fundação Cuidar o Futuro

Que motivações se podem suscitar na educação? O caminho é límpido e claro: "nunca me esqueço do que sinto". Transformar a educação num caminho do sentir que se inscreve nas camadas fundas da existência e isto desde os primeiros anos de vida. Um universo de sensações, de sentimentos, de afectos, que estruturam a vida psíquica e tornam capaz de não esquecer o que o eu sente. E criar, em todas as etapas e idades, a noção muito clara da "importância metaphysica do mais pequeno gesto". Assim, abrir um espaço onde "não pode haver contagio de vulgaridade".

No processo de educação, porque se vive a plena alteridade, é preciso vencer a "timidez intelectual das palavras a dizer". Há nessa timidez um fundo humilde de hesitação, de sentimento de insignificância face à palavra. Mas julgo discernir na nossa sociedade o fundo perverso desse sentimento natural. Somos ainda um povo onde o que considero iletrismo intelectual toca mesmo os que ensinam. Quantas vezes os ouço dizer: "o que eu queria dizer já foi dito por outros..." A esses é necessário denunciar que a incapacidade de dizer o real pode ser, sem que o saibam, o "desprezo pelas cousas vividas". Educar é então abrir o véu que cobre a palavra e, assim, despertar "a alma com que ter passos".

Nesse olhar que abrange toda a vida, surge a presunção de cada

se veicula não é o que tem determinada opinião sobre o teorema, a lei, a equação. Como dizia Gustavo Corção nos anos 50, "mil opiniões não fazem uma verdade". O homem de ciência sabe que não há "nada mais seu do que a sua consciência de si" - por isso, só pode transmitir aquilo que ficou a fazer parte da consciência de si. E anda-se por aí a procurar as razões do "insucesso escolar" do lado dos alunos?! Onde estão os cientistas que tenham tido a coragem e a força de "construir um instrumento de precisão, para uso auto-analítico, com aços e bronzes só do pensamento"?

No processo de educação, estará presente o "cientista de depois de amanhã". Esse cientista de depois de amanhã trará consigo, dentro dele, não só "um espaço real como o espaço que há onde as cousas da matéria estão" - espaço de verdadeira criação, de conhecimento reflectido e actualizado, de sabedoria - mas também "uma nova dimensão do outro". Mas que essa dimensão não seja uma coisificação do outro: nunca a ele chegamos senão descobrindo o(s) outro(s) de nós, "outrando-nos pela imaginação sensível de nós mesmos". E que nesse espaço Deus seja "uma dimensão de nós em outra dimensão do ser".

Estranhar-se-á talvez que eu fale de cientistas no processo educativo e não de "formadores". Faço-o por duas razões: primeiro, porque não posso entender que o educador, ao ensinar os rudimentos de matemática, de história, de ciências naturais, ou de qualquer outro aspecto do conhecimento, se situe unicamente em transmissor desses rudimentos, ainda que tenha aprendido os numerosos ersatz da verdadeira iniciação a cada observação da natureza, da história e da vida; segundo, porque no mundo de fontes de informação deslocalizadas, o processo de educação requer, antes de tudo o mais, que o educador "tenha um escritório especial pela sua própria vida interior".

Que motivações se podem suscitar na educação? O caminho é límpido e claro: "nunca me esqueço do que sinto". Transformar a educação num caminho do sentir que se inscreve nas camadas fundas da existência e isto desde os primeiros anos de vida. Um universo de sensações, de sentimentos, de afectos, que estruturam a vida psíquica e tornam capaz de não esquecer o que o eu sente. E criar, em todas as etapas e idades, a noção muito clara da "importância metaphysica do mais pequeno gesto". Assim, abrir um espaço onde "não pode haver contágio de vulgaridade".

No processo de educação, porque se vive a plena alteridade, é preciso vencer a "timidez intelectual das palavras a dizer". Há nessa timidez um fundo humilde de hesitação, de sentimento de insignificância face à palavra. Mas julgo discernir na nossa sociedade o fundo perverso desse sentimento natural. Somos ainda um povo onde o que considero iletrismo intelectual toca mesmo os que ensinam. Quantas vezes os ouço dizer: "o que eu queria dizer já foi dito por outros.." A esses é necessário denunciar que a incapacidade de dizer o real pode ser, sem que o saibam, o